

AVENÇA

Bibliot.

REGENERACÃO

Este jornal foi visado pela
Comissão de Censura

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo
Administração: Tipografia Figueiroense
FIGUEIRO DOS VINHOS

Natal e Ano Bom

por António da Lisboa

ESSAS duas palavras tão europeias e tão humanas revestem, hoje, um significado bem depressivo, ao olharmos em redor e ao vermos aquêl mundo que, há dois mil anos, o Filho de Deus veio alumiar com a Boa Nova da Paz aos homens de Boa Vontade, assegurando-nos que a Providência de Deus vela sobre os seus filhos para que eles tenham vida e vivam abundantemente.

Sabemos como e quando se originou o grande fogo que vai requeimando diabólicamente o mundo, com suas fauces sangrentas, e esfacela a triste humanidade com horrores que nunca homens bons, almas cristãs, sonharam. Dir-se-ia que os homens resolveram estrangular a beleza, o amor, a abundância e a vida, renegando de Deus e de toda a esperança. Mas na alma humana a intuição de Deus e a confiança nêle não estão perdidas. E' a derradeira esperança e a última certeza, — o supremo arranço do coração humano.

Que estranhos crimes se estão perpetrando no mundo, que estranhas aberrações, que nefandas maldades, que pavorosas injustiças, que misérias sem conta! E' a hora do mal, da traição, da bestialidade e, como há dois mil anos, os homens de Boa Vontade olham horrorizados, para o que se está passando e quasi não ousam dizer palavra.

No íntimo da sua consciência desenvolve-se uma agonia como a que num Olivêdo, perto de Jerusalém, fez suar sangue A'quele que foi e será o único Redentor dos homens.

Nêste drama sangrento em que se debatem os bons e os simples e onde pontificam tantos farsantes que atraçoaram o espírito, a moral, a justiça, o direito, a raça, o sangue, a honra, a terra, e o próprio Deus que têm... Nêstes dias agonizantes do ano, que também morre, e na previsão desta festa tão doce das almas e dos corações, do lar e da nação, a festa de amor da Cristandade, o Natal de Jesus na evocação desta hora bela e grata que, cada das mãos de Deus, se fez ouvir, por bocas de anjos, trazendo a Paz aos homens de Boa Vontade, será, talvez, bom pararmos, entrarmos em nós mesmos e fazermos exame de consciência.

Não teremos nós também responsabilidades na matança mundial que cada vez mais se prolonga e dilata? Por interesse, por maldade, por paixão política, por ganas baixas do ventre, por pruridos incontidos de vaidade, por orgulho satânico do mundo, não terão os que se supõem filhos da luz erguido as mãos para os filhos das trevas? Não teremos nós, cheios de boas intenções, colaborado activa ou passivamente na inversão de todos os valores que eram a beleza e a luz, a força, o orgulho, a doçura e a esperança da Civilização Cristã?

Não teriam tantos, por estupidez, por paixão, por despeito, por ferocidade, por sandismo, invertido a branda, e consoladora mensagem de Jesus, ajudando, até, com todas as suas forças, na empreitada maldita do descabro do mundo cristão, da ruína da humanidade cristã?

A luta que se trava no mundo é, como todas as lutas humanas, travada entre a luz e as trevas. Desta luta sairá triunfante ou derrotado — se bem que não vencido nem massacrado — o Deus da Cristandade. Já se não trata de fronteiras materiais, trata-se dos valores fundamentais da civilização cristã e da vida humana, trata-se de fronteiras espirituais.

«Deus não morre», disse um estadista, na América, ao ser privado da vida pelos poderes das trevas. Deus não morreu. Assim o provou Aquêl que ressuscitou. Porque nós não podemos passar sem uma crença, uma religião, um Deus e outro
(Continua na 2.ª página)

Na casa

onde não há pão ...

E' bem certo este aforismo: «Na casa onde não há pão todos falam e ninguém tem razão».

E' o caso do milho. Insurgem-se uns contra a tabela. Ah! se não houvesse tabela, havia milho.

Outros, a tabela está baixa. Se fosse mais um escudo ou escudo e meio, não faltava milho na praça.

Ainda outros, contra o facto de se não fazer um manifesto rigoroso.

As autoridades locais, por ordem do Governo da Nação procuram resolver o grave problema da alimentação, sobretudo na parte respeitante ao milho, nesta hora grave que estamos atravessando. Mas a pesar de todos os seus bons esforços, pouco ou nada se tem conseguido.

Aqui no nosso concelho, que é o que directamente nos interessa, já se recorreu a todos os processos aconselháveis, mas infelizmente, todos têm falhado.

Tabelou-se o milho a 13\$20 o alqueire.

Houve o maior cuidado na fixação deste preço, pois apesar de ser um preço maior que o dos concelhos circunvizinhos, o milho desapareceu totalmente da praça.

Em face desta atitude por parte dos produtores de milho, a autoridade local, recorreu ao manifesto. Este, por sua vez, faliu por completo.

E para que os leitores possam fazer uma ideia aproximada do que se passou com este manifesto citamos-lhe o caso seguinte:

O concelho de Figueiró produz milho suficiente para o seu consumo. Mais, havendo um pouco de economia poderia chegar para as exigências do concelho e crescer alguma coisa.

Pois, povo laborioso do nosso concelho, a pesar de estarmos a mês e meio da colheita, o milho manifestado não chega para um mês de consumo!!

Mas mais, o principal lavrador, o que paga maior contribuição predial rústica, já não têm um alqueire disponível!!!

Nêsta hora grave que o mundo atravessa, nesta hora grave em que o egoísmo deveria desaparecer, fomos forçados a descrever com certa cruzeza, é certo, o que se passa a-cêrca do milho. Comentários, para quê?

A alimentação e os dentes

INVESTIGAÇÕES em tôrno da dieta dos nossos ancestrais pré-históricos revelaram que a sua alimentação: compunha, em grande parte, de nozes, de frutas tropicais, raízes suculentas, folhas, vegetais e mel silvestre, com a possível adição de poucas coisas não cozidas. Naquêl tempo, não havia o costume de cozer ou ferver alimentos, jogando fora a sua melhor parte, consumindo apenas os resíduos—prática absurda que é, lamentavelmente, a moda mais corrente nos lares de hoje. Os alimentos, naturalmente preparados, tornaram possível existência de bons dentes também naturais. A tentativa de se melhorar, pelo cozimento, o produto da natureza, é uma das grandes causas de degenerescência física, cuja prova se manifesta nos maus dentes.

Os arqueólogos que escavaram os túmulos egípcios ficaram assombrados ao verificar que as múmias da nobreza apresentavam indícios de amplas perturbações dentárias, ao passo que a boca das múmias dos empregados domésticos nunca apresentavam sinais de degenerescência dos dentes, nem das gengivas. Seria ocioso negar que a vida indolente dos ricos, agravada por uma alimentação requintada, foi a causa da decadência dos dentes. Os criados e os trabalhadores egípcios, que labutavam pesadamente, durante o dia todo, contentando-se com pão de centeio, frutas, e vegetais crus, gozavam de bem-estar físico maior do que os elementos ricos da sociedade do seu tempo.

Os primeiros descobridores do continente americano sempre se referiram aos casos extremamente raros de decadência dentária entre os índios que viviam no seu ambiente natural. A alimentação desses índios compreendia todos os princípios vitais, pela natureza armazenados naquilo que eles comiam. A cevada foi, por longo tempo, alimento básico dos antigos habitantes da América; a predominância da cevada, no seu regime alimentar, era comparável à presença das batatas e cereais nos nossos cardápios diários. O trigo comido nas próprias espigas, ou mal moído em moíños rudimentares, exige mastigação longa e completa, antes de poder ser engulido. E' também o que acontece com as nozes e as frutas preferidas pelos índios.

Os descobridores de terras inexploradas observaram que os dentes brancos e brilhantes são a regra geral, nos lugares onde os indígenas vivem de frutos, nozes e vegetais fibrosos, que requerem mastigação lenta e prolongada. Mesmo nas zonas em que a mutilação dos dentes, até ao ponto da remoção de esmalte, faz parte das cerimónias tribais, os dentes não degeneram. O exercício a que os dentes são submetidos, através da mastigação laboriosa, torna-os robustos e resistentes.

O melhor processo de combate às consequências da predominância de alimentos macios, na vida civilizada, é o de se aumentar o consumo de frutas e legumes crus. Na verdade, todo o regime alimentar deveria ser mais natural do que é hoje. Além disso, o alimento não deve ser estufado, nem lavado, com bebidas. Não deve beber-se durante as refeições. Tudo deve ser mastigado de maneira completa, não apenas para facilitar a digestão, mas também para obrigar ao exercício dos dentes e das gengivas. A boa saúde, em qualquer parte do corpo, é impossível, sem regras de vida convenientes. Esta a razão pela qual um doente, aparentemente são e limpo, decaí; esta é, igualmente, a razão pela qual as escovas e os dentífricos, embora úteis, não bastam para a conservação dos dentes.

Da Gazeta do Sul

L. R. CARQUE

Todos como um só

Mais do que nunca, em boa verdade, era preciso hoje que fôssemos todos como um só, ao redor de Salazar. Todos como um só e todos unidos só como portugueses que somos de alma e coração, alheios aos contendores desta guerra e às suas ideologias—porque mais alto do que nós, individualmente, em nossa liberdade de opinião e sentimento, está a Pátria.

Ouvimos Salazar expor, na Assembleia Nacional, a historia

dos graves acontecimentos de Timor — e não houve português que não sentisse amarrar-se-lhe o coração por tão injusta acção de força de um país que se esqueceu do respeito que a si próprio devia ao desrespeitar-nos a nós, que, além de escrupulosamente neutros, somos seus velhos aliados e amigos.

Façamos nossa, de todos e de cada um, a moção da Assembleia Nacional—moção de repulsa pela violência e de confiança no Governo e em Salazar; — e, como
(Continua na 3.ª página)

Conselho Municipal

Sob a presidência do sr. dr. Simões Barreiros reuniu ontem extraordinariamente o conselho municipal que é composto dos srs. drs. Alberto Teixeira Forte e Joaquim Rodrigues de Oliveira e dos srs. Francisco Rodrigues Ferreira, Manuel Ferreira, capitão José Simões, Joaquim Lourenço de Campos, José Antunes, Joaquim Estevão Rodrigues, Manuel Simões Fidalgo, João Alves e Adelino José Lopes.

Nesta reunião foram aprovados as bases do orçamento e o plano de actividade da Câmara para o ano corrente.

A neve e o desporto em Portugal

Os portugueses verificaram um dia, com certo espanto, que no nosso país também há neve. E que portanto, não havia necessidade de ir aos Alpes para praticar desportos de inverno. Tinham na Serra da Estrela a sua Suíça. Podiam retemperar ali, durante os meses de frio, a sua saúde, na prática do «ski» ou do alpinismo.

Feita a verificação, parece que, depois, não foram muitos os que se resolveram a tirar partido dessa importante descoberta. Aliás, nós fomos sempre assim um pouco, descobrindo mas não aproveitando, pelo menos tanto quanto podíamos aproveitar...

Pois, portugueses, a Estrela espera-vos, com as suas perspectivas quasi lunares, o encanto da sua paisagem branca, as pistas onde se desliza como num sonho, as vertentes onde as vozes despertam estranhos ecos. Os desportos da neve são dos mais aconselháveis: praticando-os, não se obtém apenas um divertimento admirável, ganha-se saúde, o que nem sempre acontece nos campos onde a bola impera.

Aproveitai, pois, esta descoberta!

Os benefícios da politica do Estado Novo

Na doutrina do Estado Novo, doutrina que a União Nacional «acata, defende e propaga», há um principio que diz: — «organização económica da Nação é elemento essencial da sua organização politica». Por outras palavras, para a doutrina do Estado Novo, a organização politica abrange a doutrina do Estado Novo, a organização económica da Nação é elemento essencial da sua organização politica. E, como também para a doutrina do Estado Novo, a organização económica tem por objectivo realizar o máximo de produção e riqueza socialmente útil — a mesma organização politica abrange a organização social, no que respeita, não só ao maior poderio do Estado, senão ainda à maior justiça entre os cidadãos. E' o que a experiencia nos tem mostrado, não só com a organização corporativa, que é, ao mesmo tempo, económica e social, mas também com toda a intervenção do Estado Novo na solução dos problemas e necessidades nacionais.

Foi, portanto, o Estado Novo, que, entre nós, deu à politica a sua verdadeira e integral aceção de ciência e arte de governar o País, no plano do seu interesse, e em todos os principais sectores da actividade nacional. Importou isto, necessariamente, a limitação justa das liberdades individuais ou seja a sua disciplina pela norma superior do interesse da grei — mas os resultados benéficos estão patentes a todos: — à desordem económica e social da politica do Liberalismo,

Indiferença

Seul je m'enquiers des fins et je remonte aux causes
A' mes Yeux, l'univers n'est qu'un spectacle vain.

L. ACKERMANN — «L'HOMME»

*O homem sente, misteriosamente
o anseio donde proveio,
e a sua alma, alucinadamente,
segue as curvas dum longo devaneio...*

*Essa inquietude eterna, persistente,
esse profundo e amargurado anseio
deixam-lhe apenas, muito vagamente
na alma, a sombra do seu próprio enleio!*

*E nada sabe! Inutil esforço insano!
A sede atroz do desespero humano,
chama se Dôr: caminha e evolue...*

*Se a Dôr, que é minha irmã, me torturou
— que me importa saber isto que sou?
— que me importa saber isso que fui?*

Jorge Ramos

Natal e Ano Bom

Deus não existe senão Deus, revelado aos homens na pessoa do Filho.

Tôdas as frentes cedem, nas batalhas científicas e bestiais da guerra. Haja ao menos uma frente que não ceda, haja ao menos, uma abominação, que se não verifique. Que nestas vésperas dos anos de Deus recém-nascido, festa da infância, da inocência, da simplicidade, da verdade, do carinho do lar, da ternura universal cristã, se fortaleça a frente de Deus, a frente da consciência moral dos homens e das nações, a consciência indignada, dilacerada, vertendo lágrimas e vertendo sangue, mas invencida, invencida, intemerata, inflexível perante todos os poderes.

Nas dores do mundo e nós'e acto decisivo e lívido do Martírio do Homem, ergamos os braços, fazendo aquéle sinal direito da cruz eterna que abarca o mundo, tudo e todos, num anplexo de amor e de dor, sinal que assenta na terra e se erga, como aquilo que desceu do céu.

dessa politica vazia do conteúdo integral de politica, sucedeu a ordem que gozamos, e com a qual há muito se preveniram as dificuldades económicas da hora presente.

Sem a ordem do Estado Novo, Ordem que coordena e orienta, no plano do interesse geral, as iniciativas individuais — o pior mal que padeciamos não eram aquelas dificuldades, mas a confusão e a desordem de todos, incluindo o Estado, que por sistema se desinteressava da vida da Nação. «Pior mal» diz-me, pois nunca foi com a desordem politica e social dos governados, e dos governantes que se conseguiu vencer dificuldades ou sequer mitigá-las.

No fóro incorruptível da nossa consciência, na inimidade sagrada do nosso lar, na paz bendita da nossa terra, na coesão imperativa da família lusitana, recordemos o Natal de Jesus, peguemos do Evangelho e meditemos o suave idílio de Deus com os Homens, recordemos os dois mil anos de uma Europa afeiçoada ao Cristianismo e afeiçoado pela Cristandade. Recordemos a nossa Pátria, crente e cristã, unida sempre pela mesma caridade e pela mesma esperança nacional e humana. Recordemos os anos idos, a consada dos nossos avós e nossos pais, e digamos, com os nossos, a nossa prece ao Pai para que Ele nos livre de todo o mal, para que Ele nasça de novo como aurora de caridade e de solidariedade humana, num mundo em que a loucura, a cegueira e a maldade levam homens à morte e à destruição, sem saberem porque se matam, sem saberem a quem matam.

Confiados em Deus, de consciência limpa, perante valentes e cobardes, perante orgulhosos e farsantes, esperemos dias melhores contra toda a esperança, desejemos aos homens, nossos irmãos, aquela Paz que é partilha de quantos trilham o caminho estreito da Boa Vontade.

Confiemos em Deus, confiemos nos que nos governam, confiemos em nós mesmos, e, por amor de Deus e da nossa Pátria e de nós mesmos, olhemos que somos todos portugueses e concordemos que todos não somos demais.

Quanto ao medo... não demos largas à nossa imaginação fantástica, não tomemos fantasias como realidades, e, como dizem os ingleses, não queiramos atravessar a ponte antes de lá chegarmos, porque o dia de Hoje é afinal aquéle Amanhã que tanto medo nos metia

AGUA MOLE

As andorinhas

(Excerto)

A Itália não é um país cruel; porque será então que se mantem ali a violenta paixão de morticínios de andorinhas, esta loucura que é a exterminação tumultuária de aves?

E' realmente incrível que depois de uma viagem tão inteligentemente empreendida e tão cheia de perigos através de uma distancia tão grande, percorrida zelosamente duas vezes por ano, depois de terem saído vitoriosas das aves de rapina, dos vadios dos campos e fl restas, elas venham cair nos laços traiçoeiramente erguidos pela mão criminosa do homem!

Deante destas iniquidades o meu pensamento fica entristecido.

Essas andorinhas que com o olhar, segui no espaço e vi exuberantes de vida caminhar para a serenidade e socego de outras regiões só com auxilio das passantes azas, sucumbirão as pobrezinhas aos caprichos da fatalidade?

Oh a fatalidade! Para as aves da mesma sorte para que nós, ela dá crigem a conjunturas imprevisitas que preparando-se de baixo de olhares confiantes nos passam contudo despercebidas.

A andorinha é, diz se, a ave da volta; ela vem todos os anos às nossas regiões desde que possa escapar às armadilhas da costa liguriana, e assim é que num mesmo ninho se sucedem as gerações de tão encatadoras aves.

A casa muda de habitantes a vida passa por suas habituais alternativas e mistérios, a morte faz a sua colheita entre a ida e a vinda dos viajantes, mas o ninho fica!

E visto a andorinha pensar nos seus amores, não lhe recusemos aquilo que nos pede: o sol, o silêncio e a liberdade, visto que para ela a pátria é todo o pedaço de terra onde se respira e ama!

(De Christiane)

Luiz Leitão

Ontem. Ergamos o coração e ergamos o braço para Deus, mas que o coração seja valente e que o braço seja resolutivo para o que Deus quiser ou consentir.

Um magnifico número da revista TURISMO dedicado à Guarda

Revista TURISMO que há seis anos se publica sob a direcção do seu proprietário sr. António Pardal, acaba de dedicar magnifico número especial ao distrito da Guarda, que, além de ser valioso documentário da região da Beira da Serra, pode considerar-se o record das revistas portuguesas, pois nunca se publicou um número tão luxuoso e com mais de 100 páginas, pela módica quantia de cinco escudos.

Impresso em papel couché e offset, inserindo centenas de magnificas fotografias da Serra da Estrela, de paisagem, monumentos de todos os cantos do distrito da Guarda, publicando brilhante colaboração de escritores e artistas, Revista Turismo pode considerar-se uma grande Revista Portuguesa, e aquela que mais atenção dispensa à vida regional.

Silientamos que neste número dedicado à guarda veem entrevistas muito elucidativas, com os srs. Governador Civil, Presidente da Comissão do Turismo da Guarda, Presidente de todas as Câmaras Municipais do Distrito e Presidente do Grémio do Comércio

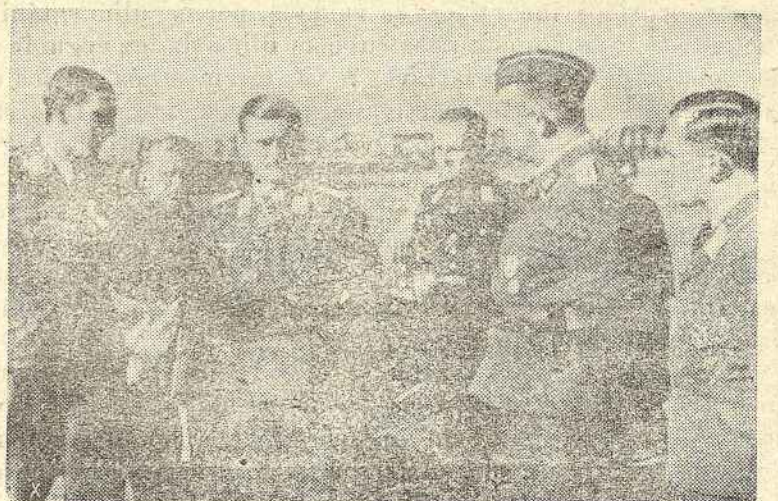
Um dos aspectos que muito valoriza a Revista são as noticias historicas sobre cada concelho, fotografias dos melhores monumentos Como a Catedral e uma originalissima página dupla, a côres, dos principais pelourinhos.

Toda a paisagem da Beira Serra, vales do Mondego, vista da Serra da Estrela, costumes pitorescos, tudo quanto interessa ao Turismo, foi marcado nesta excelente publicação com bom gosto e método.

Entre a variadissima e apreciável colaboração, citaremos artigos dos srs. Julião Quintinha, chefe de redacção da Revista; António Pardal, director; dr. Pires de Lima da Fonseca, Cesar dos Santos, José Maria de Almeida, dr. Ladislau Patrocínio, João da Guarda, dr. Ernesto Pereira, Padre Nacário Martins, M. Carlos Martins, Jorge Ramos, Normans Wilson, Santana Quintinha, Mário Campos dos Santos e Rodrigues Laguna.

Alé da brilhantissima colaboração fotografica, insere este número uma bela capa a côres e ilustrações de Stuart Carvalhais e Luiz de Campos.

O Comércio e as indústrias mineiras e de lanificio da região, também estão largamente representados neste excelente número, que honra a Revista Turismo.



Um dos melhores pilotos alemães refere aos seus camaradas os pormenores dum emocionante combate

Todos como um só

dissemos acima continuemos a ser todos como um só portugueses, estreitamente unidos aos chefes, porque assim o exige a dignidade de Portugal.

Desta união estreita com o Governo do Estado Novo sejam os filiados da União Nacional, os Legionários e os filiados da M. P. os primeiros a dar o exemplo com nova decisão de alma ardente e vigorosa, no amor do prestígio da pátria e da nossa revolução - por isso que, tal como o declarou Salazar, ainda não findou o processo deste grave pleito para a honra nacional.

"A Regeneração,"

ASSINATURAS

Portugal e Ilhas Adjacentes:
 Cada série de 24 números 9\$50
 " " " 48 " 19\$00
Este preço é acrescido do porte do correio

COLONIAS:
 Cada série de 24 números 16\$00
 " " " 48 " 32\$00

ESTRANGEIRO:
 Cada série de 24 números 24\$00
 " " " 48 " 48\$00

Pagamento adiantado

Os feijões crus são prejudiciais à saúde

Segundo indicações do professor alemão Detckwertt, da Universidade Veterinária de Hannover, os feijões, ervilhas, lentilhas e ervilhacas cruas são venenosos. Os venenos são, porém destruídos pelo calor durante a cozedura. Recorda que durante a guerra mundial dos prisioneiros morreram de terem comido feijões crus. Há espécies de feijões, como os feijões lusitano que contém glicose de ácido púrico. Deve, por consequência, insistir-se em que os feijões, ervilhas, lentilhas e ervilhacas, só sejam comidos depois de cozinhados.

VENDAS A DINHEIRO Preços Fixos

A Casa do GUSTAVO

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gostos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro. Organdins lisos e lavrados, tobralcos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kálio, Pyramide e outras marcas todas sem defeito. Panos para lençol cor e branco camisas para homem, camisas «Limpope» - venda com garantia - colar indeformável

Chapeus de cabeça, peugos para homem e criança. Todos os ex.mos noivos e famílias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.

Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

GUSTAVO GOELHO GODET

Figueiró dos Vinhos

Joaquim J. Fernandes

Médico Municipal

Clinica geral Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

Inglês

Lecciona-se teórica e praticamente. Quem desejar dirija-se a Dr.

Alvaro Amorim Pinto em Castanheira de Pera.

Madeira de castanho

Vende-se para construções e esteios para latadas.

Quem pretender dirija-se a Sr.ª D. Albertina David dos Reis ou a Abílio David dos Reis.

J. Rodrigues de Oliveira

Médico da Casa do Povo

Doenças de Pulmões — Partos

Clinica Geral

— Consultório e residência:—

Figueiró dos Vinhos.

Alvaro Amorim Pinto

Advogado

Castanheira de Pera

Em PEDRÓGÃO GRANDE: tódas as segundas-feiras até ao meio dia

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos

Café Central

Figueiró dos Vinhos

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Jlisses António da Conceição

Pombal :- Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferreamentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de:

Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO

Cal hidráulica MACIEIRA 24-11

Os melhores preços

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal

Clinica Geral

Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

Em Pedrógão Grande — às segundas-feiras das 9 às 14 horas

Em Castanheira de Pera — às quintas-feiras das 9 às 15 horas

Banco Espírito Santo

e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da

Selecção -- FIGUEIRO DOS VINHOS -- Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 21363

EMPRESA DE CAMIONAGEM

A. J. ALVES & C.ª

Maçãs de D. Maria

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

Pontão - Pombal

às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

Cabaços - Coimbra

DIARIA — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectuam nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).

A carreira Cabaços-Coimbra, de 16 de Maio a 30 de Setembro sai de Coimbra, meia hora mais tarde. 24-7

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

XXXXXXXXXX

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite — Cimentos — Cal Hidráulica

24-15

Comissões e Consignações

XXXXXXXXXX

CAMISAS LIMPOPE
 MARCA REGISTRADA
 A única camisa com colarinho indeformável. A venda no Estabelecimento de Gustavo Coelho Godet.
 Figueiró dos Vinhos

GÉLO
 VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

AGUA VAI Postais Ilustrados

Porto de descarga Pagamento de assinaturas

EM uma sociedade bem organizada a caridade não tem direito de existir. Chamam-lhe uma virtude. O homem não deve usá-la nem aceitá-la. O que à primeira vista, nas primeiras impressões, parece uma boa impressão, não passa de uma impressão desumana. Os que a distribuem colocam-se em situação que avilta, pouca, inferioriza os que a recebem. Aviltar os nossos semelhantes não é próprio de bons sentimentos.

Muito melhores sentimentos são daqueles que dispõem as coisas de modo que cada qual viva sem precisar de esmola. O homem válido não carece de esmola e ao inválido não deve dar-se esmola, mas sim assistência e assistência sem favor, nunca por esmola. A esmola avilta. Um espírito bem formado não aceita a caridade. Os miseráveis que enchem de louvaminhas os que lhes dão qualquer coisa, não são socialmente criaturas aceitáveis.

A assistência deve ser uma instituição social tão bem organizada e necessária como qualquer outra. Socorrer os que trabalharam e foram úteis à sociedade, é uma obrigação imperativa, nunca exercida por caridade.

E', contudo, necessário fazer algumas distinções, que se depreende do que fica dito. O homem trabalhou? Trabalha? Foi útil à sociedade?

E todavia não tem agora recursos para poder viver com o necessário?

Não é por caridade que lhe devem ser dados. É por obrigação social, sem favor. Mas se não foi útil à sociedade não pode esta ser obrigada a dar-lhe esses recursos. A sociedade não pode viver a servir parasitas. Quem vive em sociedade não tem direito a ser seu parázita e quem não trabalhou nem trabalha é um ser que não serviu a sociedade.

A vida deve ser de reciprocidades, visto que tem de ser necessariamente social. Viver à custa do esforço alheio, sem retribuir compensações, é absolutamente inaceitável.

Uma sociedade como eu a preconizo tem de ser constituída por gente culta e educada. Culta para bem compreender o âmbito dos seus deveres e obrigações. Educada para melhor, mais facilmente praticar e exercer tais deveres e obrigações.

Nada de caridade por desnecessária. Nada de esmolas por aviltantes, prejudiciais à humanidade e impróprias de pessoas de vergonha.

Viver do trabalho útil e múltiplo para todos e da assistência necessária, quando esta for merecida e só então.

João de Cima

Ano novo! Vida nova...

*Entra este ano à quinta feira.
Filho comum de pai comum também
E' neto de avô bissexto.
Isto, de resto,
Nada têm
Ou pouco ou nada nos diz
Quanto ao que possa trazer
De feliz ou de infeliz.*

*Um ano novo é como os outros anos.
Traz mal a uns, a outros bem,
Esp'ranças ou desenganos
Conforme a fé que se tem.*

*Vida nova é frase feita,
Vazia, antiga
E banal.
Que se repete ou renova.
Todos os anos, como uma cantiga
Ou pregão que se ajeita
Aos sonhos de cada qual...*

*Vida nova são projectos...
Tal como certas edificações
Que nunca chegam aos tectos
Porque a primeira pedra colocada
Caiu nas escavações...
Inanimada.*

*E' qual a obra dos loucos
Que não passa dos caboucos!*

*E o ano vai correndo, mês a mês,
Num desengano latente.
E a vida nova envelhece de vez...
Como luz que se apaga, lentamente,
A' falta de azeite...
Que é a fé e a coragem para a vida,
Essa tal vida nova só vivida,
No deleite
De um sonho sepulto!*

*E quando após este ano, outro chegar
E se fizer o balanço
Do que neste se passar
E do que ficar por fazer,
Nova reacção surge, toma vulto,
E, sem descanso,
Voltará a dizer aos quatro ventos
Com todos os seus alentos
E sem nada que a demova:*

— Ano novo! Vida nova!..

Cascais, 1942

Francisco Pires

CARTEIRA

A passar esta época festiva junto de sua família, estiveram o nosso amigo sr. Augusto Costa acompanhado de sua ex.ma esposa e seu irmão o sr. Manuel Costa, estabelecidos em Lisboa.

— Por alguns dias, também vieram visitar sua família no vizinho lugar de Aldeia de Ana de Aviz, o nosso amigo sr. Herculano Herdade acompanhado de sua ex.ma esposa e filho e os seus sobrinhos sr. alferes José Telhada e Carlos Herdade Telhada, que se encontram na cidade de Faro.

— Também cumprimentamos na nossa redacção o nosso amigo e colaborador sr. José Dias, professor em Lisboa.

Aos emigrantes

Foi publicado no «Diário do Governo» um decreto-lei onde se determina que continua suspenso por dois anos o determinado no decreto n.º 16.782 de 27 de Abril de 1929, na parte que proíbe a saída de emigrantes sem o certificado de passagem da 3.ª para a 4.ª classe do ensino primário e que tenham mais de 17 anos e menos de 45.

— De passagem por esta vila cumprimentamos ainda o nosso amigo sr. António Antunes Amaro, professor aposentado.

— Estive na nossa redacção a apresentar cumprimentos, o nosso amigo e assinante sr. Adelino Fernandes Antão, de Alcanena.

O rio, atravancado de barcos com os mastros sem velas, erguidos ao ar, corria silencioso para a foz. Uma brisa húmida e fria trazia um cheiro a peixe, próprio do mar. Um barquito cortava o rio, remado pelos braços musculosos dum pescador.

No cais os homens agitavam-se dum para outro lado: procedia-se à descarga dalguns barcos. Um por uma tábuas que servia de ponte sobre o rio, e sumiam-se no fundo do barco para logo reaparecerem curvados ao péso da carga.

Chegaram ao cais, atiravam ao chão os fardos, que traziam às costas, sobre o sacco em capuz, endireitavam-se de-vagar, limpavam o suor da testa à costa da mão.

E o barco engulia e vomitava homens sempre, sempre. E a rima de fardos crescia, crescia...

Um guindaste, espalhando um fumo branco, erguia estrondosamente ao ar caixotes de bacalhau e lançava-os numa camioneta. Estas, quando cheias, roncavam, calçada acima, a caminho da cidade.

Aqui e ali grupos de pessoas sem trabalho aqueciam-se ao sol.

As mulheres das castanhas, os homens das bugingangas, as raparigas com flores de papel, lançavam os seus pregões.

Os rapazitos, magrizelas, bulhavam ou brincavam uns com os outros, correndo e saltando sobre as poças de água choca.

Uma peixeira amanhava o peixe e em redor dela os filhos pequenitos, quasi nus, o ranho caindo-lhes para a boca, choramingavam de frio e fome.

As lavadeiras batiam a roupa nas pedras, à beira do rio, e falavam umas com as outras.

Lá em cima, na ponte, os operários, agarrados aos ferros, como gatos, trabucavam sem cessar, fazendo um matraquiar de martelos.

Uma fila de mulheres, carregadas de sal, descalças ou arrastando uns chinelos enlameados, subia vagorosamente pelos quelhos pedregosos, entalados por entre a altura das casas, húmidas e escuras.

O sol bailava nos telhados. Dentro das casas de ruas apertadíssimas, não se via nada.

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Artur Quaresma Nunes — Africa Oriental
- José dos Santos — Lourenço Marques
- Manuel dos Santos Abruñeira — Fato
- Joaquim Quaresma Ferreira — Vila Pery
- Carlos David Paiva — Africa Oriental
- José Simões de Almeida — Africa Oriental
- Damião David Campos — S. Tomé
- Manuel David Campos — S. Tomé
- Miguel Domingos de Sá — Lourenço Marques
- Francisco Simões Agria — Lourenço Marques
- Adelino Fernandes Antão — Alcanena
- João Henriques dos Santos — Arega

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

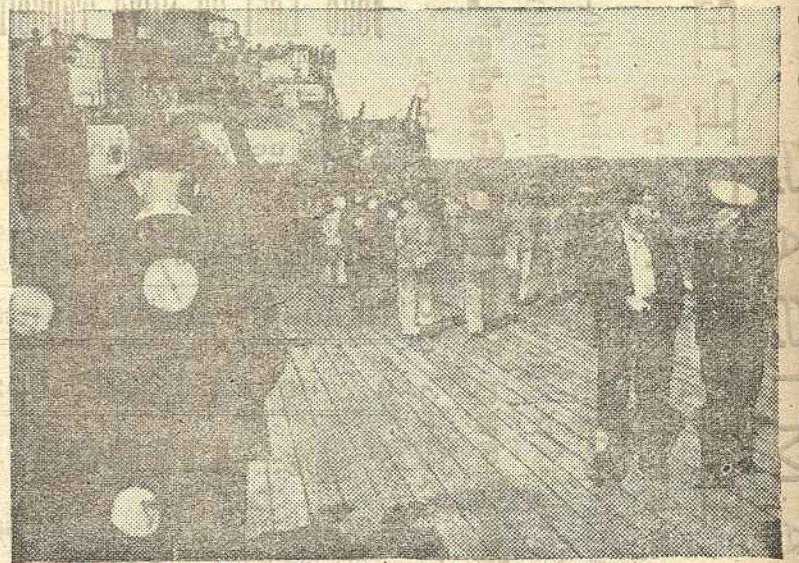
Aqui, a uma porta, surgiam dois homens, as camisas enfarruscadas, as mangas arregaçadas, os braços e a cara prêtos de carvão.

Mais além um doente, sentado na soleira de outra porta, pálido e de olheiras, tagarelava com uma criança de faces sem cor.

E a guerra fez parar toda esta vida do porto. Os vapores já não veem, os guindastes empudeceram, para o vai vem dos carreões e carrejonas. Quando começará uma vida nova no porto de descarga?

Lucilla Brandão

A MARGEM DA GUERRA



Individuos pertencentes a submarinos e transportes alemães e italianos seguem como prisioneiros para a Inglaterra. O tratamento que receberam a bordo foi o mesmo dos ingleses